

32. Jam

engarraamento italiano / pearl jam introduz o salto de cabeça do palco para verona / o problema com o grunge/ novidades do front / uma proposta de casamento de alta tecnologia / a roda continua girando

NA ESTRADA À CAMINHO do show do U2 em Verona, o motorista do ônibus para numa barreira de madeira que a polícia colocou no meio da rodovia para controlar o tráfego em direção ao show do U2, põe a cabeça para fora da janela e troca gritos, xingamentos e gestos com os policiais locais, que finalmente movem a barreira e nos deixam passar. Quando chegamos à próxima barreira, toda rotina é repetida. Isso acontece em intervalos regulares em todo caminho até o show. À medida que nos dirigimos paralelamente ao tráfego congestionado na estrada principal, vimos que muitas pessoas que estavam indo para o show pararam no acostamento ou na faixa central, trancaram seus carros, e os deixaram lá, uma abordagem um tanto incomum para pessoas que estão indo a um show, numa grande rodovia em uma grande cidade. Mas, isso é a Itália, onde é mais fácil pedir por perdão do que permissão.

É a tarde de três de julho. Está muito quente em Verona. As pessoas no estádio estão usando o mínimo de roupa possível. No palco, Pearl Jam, que com seu primeiro álbum se tornou uma grande estrela nos Estados Unidos, está tentando se conectar a um grande público que nem sabe quem eles são. Eddie Vedder, o apaixonado cantor e líder da banda, não vai desistir sem lutar. Ele diz à multidão: “Esse é um lugar muito grande para uma coisa tão pequena como a música. Mal consigo esperar para voltar e tocar em um lugar menor onde possamos vê-los”.

A banda então toca uma nova música chamada “Daughter”, um ritmo lento com uma letra poderosa – “she holds the hand that holds her down” [ela segura a mão que lhe prende] – como muitas das músicas do Vedder, parecem ser sobre o sofrimento de crianças nas mãos de pais incompetentes ou distraídos. Isso não significa nada para a maioria do público que está conversando, rindo e bebendo, mas claramente significa muito para o Eddie. Quando termina, ele vai para a beira do palco, olhando para o público desinteressado e canta, discretamente, as primeiras linhas de “I Will Follow” do U2. É difícil dizer se ele está tentando zombar da fome do público pela atração principal ou tentando fazer uma conexão. De várias maneiras, Vedder parece ser um fã que encontrou um jeito de subir no palco do U2 por engano, e percebe que enquanto estiver lá em cima, se verá sentindo como é cantar as músicas deles. Atrás dele, a banda começa a tocar uma versão bem lenta de “Sympathy for the Devil” e Vedder cria uma nova letra para se encaixar na sua circunstância: “I got here through twenty-nine stadiums”. [Eu cheguei aqui através de vinte e nove estádios]. Ele segura uma máscara de diabo e a plateia fica um pouco assustada. Vedder põe sua máscara demoníaca, e depois experimenta uma máscara de cabeça de mosca. Eu me pergunto se ele está zombando dos personagens de palco de Bono – o diabólico Macphisto e o The Fly.

“Eu tenho uma pergunta”, Vedder diz calmamente, tirando a máscara. “Como se soletra 1-2-3-41” e com isso o Pearl Jam começa uma versão gritante de “Rockin’ in the Free World” de Neil Young. Vedder corre pela rampa até o palco B do U2 e se lança sobre a multidão. Eu não acho que Verona já tenha presenciado um salto de palco antes. A multidão nas arquibancadas ainda parece estar bastante desinteressada, mas as pessoas na pista em frente ao palco estão enloquecendo. Eu vejo Vedder sendo levantado nos braços da multidão, depois desaparecendo sob eles, depois subindo,

como um nadador lutando contra uma ressaca. Finalmente ele consegue escapar de volta para o palco, com a maioria da sua roupa rasgada em farrapos. Ele fez contato com o público da mesma forma imprudente que quase levou o Bono a ser expulso do U2 uma década atrás.

Pearl Jam, assim como o seu rival de Seattle, Nirvana, tem dominado a imaginação do rock americano no último ano e meio. O U2 tem sido cauteloso em sua reação ao grunge, o nome que a mídia deu à música que essas bandas fazem, uma espécie de rock reacionário influenciado tanto pelo punk quanto pelo heavy metal, dois pólos opostos da cultura rock dos anos setenta. Tanto o Pearl Jam quanto o Nirvana tendem a escrever sobre a raiva inarticulada de crianças que crescem se sentindo abandonadas e abusadas. O impiedoso crítico de rock Elvis Costello refere-se ao estilo como música “Mãe, eu me molhei de novo”. O Nirvana trabalha duro para ser *alternativo*, apesar dos tons melódicos parecidos com os Beatles, do compositor Kurt Cobain. O Pearl Jam é muito mais aberto em relação à sua dívida com o rock tradicional – como demonstra a rápida evocação do U2, dos Rolling Stones e Neil Young por Vedder.

O U2 tem apoiado vagamente esse novo movimento, assim, não é difícil perceber no Bono e companhia um ressentimento sutil por essas bandas de Seattle, que estão essencialmente recriando o estilo dos anos 70, ao serem saudadas pelos críticos como progressistas, enquanto o U2 – que trabalhou duro em seus dois últimos álbuns para levar o rock a um novo território – é frequentemente associado a atitudes estabelecidas de grandes estrelas contra as quais as bandas grunge deveriam se rebelar.

Em minhas conversas com eles, tanto Bono quanto Edge expressaram entusiasmo pelo pop industrial experimental do Nine Inch Nails, enquanto mantinham um certo ceticismo polido em relação às bandas de Seattle. Bono frequentemente repete a sua observação de que crianças negras pobres não têm problemas em estar na vanguarda da tecnologia e da arte, descobrindo maneiras de fazer novas músicas com computadores e samplers, abandonando um estilo para inovar em outro, enquanto crianças brancas da classe média regurgitam os mesmos clichês musicais repetidas vezes e acham que descobriram a lâmpada.

David Grohl, baterista do Nirvana, foi a um show do U2 durante a primeira fase da Zoo TV para assistir a banda de abertura, os Pixies. Bono o convidou para uma conversa. Bono me conta imitando o Grohl mascando chiclete e diz: “Hey, cara, nada contra você, mas eu não entendo porque os Pixies *fariam* isso”. Bono perguntou se Grohl não achava que era um ato de coragem dos Pixies abrir para o U2 em estádios. Mas Grohl não comprou a ideia. “Nós nunca tocaremos em lugares grandes”, disse ele se referindo ao Nirvana. “Somos apenas uma banda punk. Todo esse sucesso é uma casualidade. Amanhã eu poderia estar em qualquer outro lugar”.

Bono disse a ele para nunca dizer nunca: “Você não sabe o que vai querer fazer daqui a cinco ou dez anos. É tudo novidade pra nós, também tivemos que aprender isso. Por que pintar a você mesmo em um canto?”

“Não, cara”, disse Grohl. “Somos apenas uma banda punk”. A próxima coisa que o Bono soube a respeito do Grohl foi publicado na *NME*, dizendo que o Bono tentou convencer o Nirvana a mudar, mas que eles não fariam isso. “Definitivamente, não é o cérebro do grupo”, murmurou Bono.

“Recentemente eu os vi na TV. Agora eles estão tocando em grandes lugares. E o entrevistador disse: ‘Você me disse há um ano que nunca fariam isso’, e o Kurt Cobain disse: ‘Eu mudei de ideia’”. Bono ri. “Veja, esse é o dom que Kurt tem, e que Sinéad também tem. Declarar uma coisa num dia e no dia seguinte anunciar exatamente o oposto sem nenhuma autoconsciência. Eu acho que Eddie Vedder é um pouco mais honesto do que isso. Ele consegue se lembrar do que ele disse no dia anterior. Ele é um cara muito emotivo e bastante consciente disso. Ele fala sobre como ele só quer tocar em clubes”. Bono pensa um pouco sobre isso e depois acrescenta: “Mas ele não está realmente tocando em clubes, está?”

O que ele realmente quer, eu digo, é estar tão feliz e animado como quando ele tocava em clubes, quando ele largou o seu emprego num posto de gasolina para se juntar ao Pearl Jam e de repente estar cantando em bares lotados, agradando o público e também as gravadoras. É disso que ele realmente sente falta – não dos clubes, mas da felicidade.

“É uma coisa terrível”, diz Bono, “conseguir algo, antes de desejá-lo. Nós temos sido afortunados. Geralmente desejamos algo logo antes de conseguí-lo. Mas é também de enlouquecer a cabeça conseguir tudo o que você quer”.

“Mais do que você precisa”, Edge diz.

De qualquer forma, todo esse conceito da mídia de Nós versus Eles, Mainstream versus Underground¹, Moderno versus Careta são um resquício do pensamento do “conflito de gerações” da Guerra Fria. As polaridades culturais foram importantes para a geração da Segunda Guerra Mundial e para a geração de bebês pós-guerra, que na meia-idade se tornaram um espelho dos seus pais. Uma das grandes confusões para essa geração mais velha é que a próxima geração não quer jogar esse jogo. (“Ok, agora *eu irei* dizer o quanto as coisas eram melhores vinte anos atrás e *você* se rebela. Ok? Tudo certo? Hey, para onde você está indo?”) Hoje em dia, essas polaridades são projetadas como ganchos de marketing. Um editor de uma revista de rock alternativo me disse recentemente que ele havia negociado espaços para o mercado automobilístico de Detroit e que agora os anúncios na Madison Avenue entrariam na sua conta bancária. Perguntei como ele fez isso e ele respondeu que foi por contratar “a mulher do marketing que descobriu a Geração X”.

O *Zooropa* está sendo lançado neste fim de semana e as primeiras críticas estão eufóricas, dizendo que é o melhor da carreira do U2. Isso é uma maneira de aliviar os sentimentos doloridos que o U2 podia estar tendo por acharem que estavam indo no caminho errado do progresso musical.

“O cenário de onde eles surgiram possui muitas *regras*, na verdade”, diz Bono se referindo ao Pearl Jam. “Há uma espécie de código. Como com vários clubes, que podem ser muito rígidos. Se você tentar fugir dessas regras, mesmo que você queira apenas ver do outro lado da rua ou ir na próxima esquina, você não pode. Eu acho que o Pearl Jam é transcendente no seu próprio palco, mas a atuação deles é para mim incrivelmente ultrapassada. É um sabor da contracultura dos anos 60, que se

¹ *Mainstream* é um termo inglês que é usado para definir o gosto da maioria da população, ou também, algo que está na moda, e que é muito divulgado pelas grandes mídias. O *underground* é a cena independente musical, que não segue nenhuma fórmula ou estrutura necessariamente, não necessitando de grandes mídias para produzir seus trabalhos, e também não se estabelecem aos padrões profissionais para manter sua arte, coisa que a maioria dos artistas e bandas da cena do mainstream fazem.

adapta perfeitamente ao estilo de vida universitário da classe média branca. Mas não quero levantar isso em específico no caso do Pearl Jam, porque para eles é uma questão de convicção, onde eles colocam a música em primeiro lugar. Quem sou eu pra comentar isso? Como um fã de rock & roll eu tenho que dizer o que penso, mas no final se a música é boa, isso não importa”.

Sobre o Vedder, Bono diz: “Ele não é um animal do rock & roll, ele vem de um lugar diferente, de um lugar que eu prefiro. Mas ele está em uma banda de rock & roll e tem que se proteger. Ele provavelmente não acha que tem uma máscara, e por isso ele pode não ter entendido as diversas máscaras da Zoo TV. Mas ele tem uma máscara, e tudo bem, porque o lugar mais importante para não se usar máscaras é nas músicas. É aí onde eu vivo, e acho que é onde ele vive também. Talvez eles estejam passando pelo que nós passamos nos anos 80, quando fugíamos das besteiras. Tenho certeza que irão encontrar o seu próprio jeito de fazer isso. O que eu exatamente *não gosto* sobre a nossa posição nos anos 80, é que nós estávamos fugindo, em vez de apenas estar rindo das coisas, que é mais para onde estamos agora”. Bono pensa sobre isso e decide: “Ele [Eddie] é um personagem estranho. Eu gosto muito dele, na verdade”.

Quando entro na sala onde Paul McGuinness recebe visitas nos bastidores, dois visitantes de aparência desgredada saltam do sofá e vêm em minha direção com olhos arregalados e a boca se movendo. Há luzes de TV instaladas e uma câmera portátil sobre um tripé. Eu vim para o lugar errado – eu estava procurando por um açougue. Na realidade eu estava diante de dois visitantes da Bósnia, que tinham cruzado uma zona de guerra, o Mar Adriático e o aparato de segurança do show, na esperança de entrevistar Bono para a televisão de Sarajevo. Bill Carter é um californiano, de cabelos compridos e bem aparentado, que está tentando fazer um documentário sobre como as pessoas em Sarajevo estão lidando com os ataques sérvios. Jason Aplon, sombrio e taciturno, é um amigo de Carter que dirige o escritório do Comitê Internacional de Resgate em Split, na Bósnia.

Semana passada o U2 tinha recebido um fax da estação de “Rádio Televizija Bosne I Hercegovina” que dizia: “A televisão bósnia, com base em Sarajevo, está muito interessada em fazer uma entrevista com os membros do U2. Nós entendemos que o grupo estará em Verona, Itália, em 3 de julho, e achamos que essa é a oportunidade perfeita para fazer essa entrevista. Verona é o único show na Europa que terá o maior público da ex-Iugoslávia, uma vez que é o único show onde os ingressos estão sendo vendidos para... Sarajevo, na ex-Iugoslávia, era o centro da sua cultura artística e do rock & roll. Ela ainda possui um cenário artístico que tenta sobreviver, mas ela não possui estímulos criativos devido a óbvias restrições físicas e de informação”.

A carta continua dizendo que eles entendem que o U2 havia ajudado a arrecadar dinheiro para o socorro da Bósnia, e que talvez a banda concordasse com uma entrevista exclusiva para a TV da Bósnia para ser exibida “quando a eletricidade voltar”. Além disso, explicou que nenhum cidadão bósnio seria capaz de passar pelos postos de controle sérvios, portanto, se o U2 concordasse, eles enviariam para Verona “nosso estrangeiro associado, Bill Carter”.

O Principle respondeu mandando uma mensagem dizendo que Bono ficaria feliz em dar-lhes uma entrevista antes de subir ao palco em Verona. Carter e seu amigo Aplon viajaram por dois dias, atravessando o mar que separa a Itália da Iugoslávia em um barco lotado de refugiados e fãs do U2. Quando eles chegaram ao local, a bilheteria disse que não tinha ingressos para eles ou qualquer informação sobre eles, e a segurança tentou expulsá-los. Mas Carter foi persistente e finalmente

entrou nos bastidores, onde foi bem recebido e lhe indicaram um lugar para que pudesse montar sua câmera. Agora ele está nervoso diante do encontro com Bono – um nervosismo que para mim parece inadequado para um homem que está acostumado a fugir de balas há vários meses.

Bono chega, vestido com o seu traje de couro que acabou de usar no palco, aperta a mão dos visitantes e se senta no sofá. Depois de algumas perguntas iniciais sobre a Zoo TV, Carter pergunta a Bono por que, apesar das lições da história, as pessoas continuam retornando à barbárie da guerra.

“Esse é o assunto de muitas das nossas músicas”, Bono diz um pouco sem jeito. “Eu venho da Irlanda. A Irlanda também está dividida. Novamente, eles dizem que é por causa da religião, mas você sabe que não é religião. Veja, o coração humano é muito ganancioso. Ele procura muitos pretextos para isso. A religião é conveniente para ele, a cor da pele é conveniente para ele. Eu já passei por várias fases diferentes de lidar com isso. Alguém tem que ser político algumas vezes, mas em outras, você tem que olhar para além disso, apenas para o estado do espírito humano. Acho que é onde eu estou agora mesmo. Estou examinando minha própria hipocrisia, estou examinando minha própria ganância. Eu até parei de acusar os políticos”. Ele ri. “Eu descobri que há assunto suficiente no meu coração para me manter ocupado”.

“Eu fui muito inspirado por Martin Luther King. Ele era um personagem no meio de uma situação muito perigosa – direitos civis dos afro-americanos nos anos 60. Poderia ter dado muito errado... A palavra *paz* parece basteira a maior parte das vezes, é como falar sobre flores-no-cabelo numa conversa hippie, mas ele se apegou a uma ideia muito mais forte, uma ideia muito mais concreta sobre paz e respeito, e ele não parou, simplesmente continuava lutando por isso. A ideia era que ele viveria por seu país, mas ele não queria morrer por isso e nunca mataria por isso. E ele morreu por isso. É uma coisa difícil de se lidar. Deve haver um motivo incrível... As pessoas merecem o direito de se defender contra o mal e devem decidir como fazer isso. Mas se existir qualquer outra alternativa, obviamente você tem de procurá-la. Eu sei que isso é o que vocês têm tentado, mas não conseguem continuar, e eu realmente, realmente sinto muito por ouvir sobre isso. E eu entendo qualquer reação. Mas eu só espero que mesmo no meio disso tudo, vocês não se convertam em animais atacando uns aos outros. Dignidade. Auto-respeito. Essas são coisas que as pessoas não lhes podem tirar. E humor. Humor é a evidência da liberdade”.

Carter diz a Bono que Sarajevo é a capital mundial do humor negro. A mãe de alguém pode ser assassinada na frente dele e no dia seguinte ele estará fazendo uma piada.

“Isso é quando você está ganhando num certo aspecto”, Bono diz. “Se eles não conseguem tirar isso de vocês”.

A entrevista acaba e Carter sugere que Bono poderia considerar visitar Sarajevo. A cidade tem implorado por artistas de todos os tipos para que vejam por si mesmos o que está acontecendo lá.

“Acho que eu poderia”, Bono diz. “Eu adoraria ir lá”.

“Nós poderíamos providenciar isso”, Carter responde.

Bono retorna para o camarim do U2, abalado. No palco, naquela noite, ele fala com o público sobre a

Bósnia e então diz: “Alguém disse que sob pressão a coragem é uma virtude. Eu gostaria de dedicar essa música para o povo de Sarajevo”. U2 toca “One”.

Enquanto está cantando “New Year’s Day”, Bono deixa o palco principal e começa a caminhar lentamente pela rampa escura em direção ao palco B. No meio do caminho, ele se assusta ao esbarrar num grande e largo fã italiano sem camisa que subiu na rampa enquanto o segurança estava distraído em algum lugar assistindo o show de um ponto particularmente privilegiado. Bono avalia os músculos do sujeito, dá risada e, ainda cantando, pula nos braços dele. Bono aponta para a banda e o intruso alegre o carrega pela rampa de volta para o palco principal, com o Bono cantando durante todo o caminho. Ele salta dos braços do italiano em frente à bateria do Larry, ainda cantando a música, e o visitante é conduzido pelo segurança do U2 para fora do palco.

De volta à mesa de som, Naomi Campbell e Christy Turlington estão assistindo o show ao lado dos membros do Pearl Jam, os dois trabalhadores bósnios de ajuda humanitária, e uma convidada da gravadora chamada Charlene, cujos amigos sabem que ela está a ponto de ter uma grande surpresa. Durante a pausa entre o momento em que o U2 deixa o palco e Macphisto aparece para o encore [bis], o público é entretido com os vídeos do Zoo Confessional, uma espécie de estúdio doméstico que é montado no estádio horas antes do U2 aparecer, onde pessoas da plateia podem deixar gravadas suas mensagens, piadas, gritos de guerra de futebol ou uma lista com seus pecados. Os mais divertidos são exibidos todas as noites nos telões de TV. De repente, Charlene fica chocada ao ver seu namorado falando com ela através dos enormes telões. “Olá Charlene... eu quero saber se você quer se casar comigo”. Charlene treme visivelmente enquanto as suas amigas riem e batem nas suas costas. Ela permanece congelada por uns sessenta segundos e então olha em volta para ver o seu namorado parado do outro lado da plataforma. Ela corre, abraça-o, e lhe diz que sim. Eles dançam lentamente durante o encore do U2. Até mesmo quando Macphisto está tentando telefonar para o Papa.